

PESSOA E O PAGANISMO

HAQUIRA OSAKABE

Unicamp

“Vivemos em doença crônica, em anemia febricitante. O nosso destino é o de não morrer por nos termos adaptado ao estado de (perpétuos) moribundos.

Que pode ter com uma época destas um espírito da raça dos construtores, uma alma filha das grandes verdades do paganismo?”

(Obras em Prosa, 2ª edição, pág. 202)

Esta citação do **Retorno dos Deuses** do heterônimo Antônio Mora parece revelar a razão básica das reflexões de Fernando Pessoa a respeito da importância e do papel do paganismo não só no seu pensamento teórico mas também na sua poesia. De fato, crítico do espírito decadente de sua época, decadência que teria se iniciado com os românticos após a ridícula e arruinada tentativa do neoclassicismo de recompor uma espiritualidade pagã, a obra de Pessoa não deixa de ser um oceânico esforço de redispôr a humanidade na grandeza daquilo a que genericamente ele chamou de **paganismo**. Para uma melhor captação das dimensões desse esforço convém estabelecer nas suas linhas mais gerais o que Pessoa entendeu por esse termo. Para tanto retomemos o escrito de 1916 do **Retorno dos Deuses**. Tratando das religiões, Pessoa afirma: *“Se formos ver em que se manifesta a metafísica nas religiões, nós veremos o seguinte: o sujeito, para cada sujeito, é dado como um só, porque cada qual, de diretamente subjetivo, conhece apenas o seu próprio espírito; e que o objeto é dado pela multiplicidade das coisas externas. Eu sou um; o mundo é muitos; eis a forma fundamental do pensamento. Por isso que uma mentalidade coletiva do tipo subjetivista exprimir-se-á pelo monoteísmo, ao passo que o politeísmo será a expressão natural de uma mentalidade coletiva de tipo objetivista”* (Idem, pág.168).

Qual vem a ser o argumento para esta separação? Pessoa responde: *“Somos objetivistas, é claro, quando aplicamos aquelas faculdades do*

espírito que nos relacionam com a realidade externa; somos subjetivistas quando não empregamos essas faculdades, o que dá ... a concentração sobre nosso próprio espírito. As faculdades que agem sobre o exterior são a observação, pela qual conhecemos esse mundo, a atenção, por cuja aplicação o conhecemos competentemente e a vontade, pela qual agimos sobre ele” (Idem, ibidem, pág.168). Trata-se pois de faculdades que discernem a palpabilidade do mundo, sua realidade, ao contrário das “faculdades que trabalham interiormente [que] só são a imaginação pela qual substituímos o exterior por um falso-exterior, coisas supostas a coisas reais”.

A decorrência desse raciocínio, a meu ver sinuoso, será clara: enquanto o politeísmo que expressa o paganismo é a nítida manifestação natural da inteligência humana em seu momento mais luminoso, o monoteísmo será uma religião da decadência porque “*conquanto um indivíduo possa sem grande mal ser introvertido, um povo todo não o pode ser sem perder a noção verdadeira do mundo e da vida.*” (Idem, ibidem, pág.168)

Essa noção “verdadeira” é a diversidade natural (grifamos) do mundo; o critério básico de Pessoa parece residir no modelo da natureza, na diversidade que a informa. É por isso que ele afirma que o paganismo é a mais natural de todas as religiões:

1º) porque é politeísta, como a natureza é plural;

2º) é humana, porque o atos dos deuses são atos dos homens magnificados;

3º) é política. Como parte da vida da cidade ou do estado não visa a um universalismo.

(Idem, ibidem, pág.175)

Em que essa religião se avanta sobre o cristianismo/cristis-
mo? Aqui as idéias de Pessoa não são tão claras e tão categóricas do ponto de vista da análise; mesmo assim tentemos compreender o raciocínio pelo qual o poeta “minimiza” o cristianismo. Afirma ele:

“O Cristianismo apresenta-se-nos composto de três elementos; o sentido cristista propriamente dito, o elemento pagão contido na presença daqueles Santos que todos hoje sabemos serem apenas sucessores deformados dos deuses, e aquele elemento religioso que todas as religiões têm”.

(Idem, ibidem, pág.199)

Não há dúvida de que se trata de uma visão dividida e um tanto quanto caricatural (senão senso comum propícia à argumentação mas nociva do ponto de vista do pensamento). Para uma melhor compreensão

do que seria uma visão não caricatural do cristianismo, tirada das próprias reflexões de Pessoa, retomemos a questão do monoteísmo já citada anteriormente e tentemos juntá-la com algumas outras reflexões do poeta. Em primeiro lugar o que viria a ser sentido cristista propriamente dito e qual sua relação com o monoteísmo? A questão não é facilmente resolvível pela própria oposição assumida pelo poeta entre subjetividade e objetividade. De fato, o sentido cristista se assenta sobre um paradoxo de difícil discussão a que a Igreja denominou **Encarnação**, termo que, ao assumirmos a distinção pessoal, dissolve os limites entre a subjetividade e a objetividade. A essa dissolução poder-se-ia dar o nome de inconsistência não fora o princípio maior do Cristianismo (herdado do judaísmo) em torno do qual reside toda a metafísica cristã, princípio que com exatidão denominou E. Gilson a metafísica do Exod¹; aqui se afirma a transcendência e suficiência absoluta do Deus Cristão. Desse modo, o monoteísmo cristão opera não apenas a subjetividade na unidade (monoteísmo) como separa essa unidade de sua decorrência analógica que vem a ser a criatura. No entanto, o sentimento cristista reopera essa subjetividade no interior da humanidade, inflando o homem de uma dignidade similar à divina. Pessoa parece não admitir o impacto desse dogma primeiro do cristianismo e prefere ater-se a conteúdos que não são necessariamente cristãos tais como “a **compassividade, a baixaza democrática de visão**”. Afirma ele: “*A moral cristã é a moral da fraqueza e da incompetência, a metafísica do cristianismo é a metafísica da falta de atenção e de concentração...*” (pág.185). Sobre a metafísica, acreditamos que na verdade Pessoa subestimou a consistência do pensamento cristão, herdeiro, aliás, do que de mais precioso a antigüidade legou. Resta, no entanto, entender as razões da condenação moral do cristianismo. Na verdade, Pessoa superpõe o advento do cristianismo com a decadência greco-romana. Assim, ao substituir a naturalidade, a humanidade, a politicidade do paganismo, como fruto da decadência pagã e não como nascimento de uma outra religião, o cristianismo é a manifestação nítida de um processo de decadência que com altos e baixos atinge seu ápice no século XIX.

Qual seria a resposta que a inteligência poderia oferecer a essa decadência? Uma delas estaria na restauração da essência do paganismo com a fundação de uma religião objetivada pela ciência, portanto, por uma religião que tenha a estrutura ou o discurso da natureza que dita o discurso da ciência. Como fazê-lo?

“Não podia ser coisa conscientemente feita. Não podia ser, porque uma religião nasce do instintivo, e não se pode construir como se constrói um sistema metafísico. Tem que

nascer da sensibilidade direta das coisas. O fato de que o paganismo existiu já não quer dizer que se possa ir buscá-lo no passado. O mais que se iria buscar era a forma sem vida, o mero corpo morto do paganismo. Devia, a dar-se o fenômeno do verdadeiro regresso ao paganismo, surgir uma sensibilidade pagã. Nesta altura surgiu Alberto Caeiro."

(Idem, pág. 201)

Assim, quando Caeiro afirma "Por isso quando num dia de calor/ me sinto triste de gozá-lo tanto/ E me deito ao comprido na erva,/ E fecho os olhos quentes,/ Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,/ Sei a verdade e sou feliz." (Obra Poética, 7ª edição, pág.212) o poeta afirma sua inteira adesão ao princípio da natureza, ou ao conhecimento que dela emana. É uma espécie de grau zero do conhecimento que se confunde com o ritmo do vento, dos rios, do silêncio das montanhas e dos prados.

Uma outra resposta estaria "na repulsa espontânea, o desprezo refletido..." *apesar de que uma atitude de indiferença é uma atitude decadente, e nós somos obrigados a uma atitude de indiferença pela incapacidade de nos adaptarmos a um meio como este. Não nos adaptamos, porque os são não se adaptam a um meio mórbido. Não nos adaptando, somos mórbidos. Neste paradoxo, nós, os pagãos, vivemos'* (Obras em Prosa, pág. 212).

Desponta aí Ricardo Reis? Sim, mas Pessoa, na figura de Mora, discorda do modo de aceitação de Reis! Diz ele "*Quero que sejamos indiferentes para com uma época que nada pode querer de nós e sobre a qual em nada podemos agir. Mas não quero que se cante essa indiferença como coisa boa de per si. É isso que fez Ricardo Reis'*". Por quê? Na visão de Frederico Reis, retomando Ricardo Reis, "*Cada qual de nós deve viver a sua própria vida, isolando-se dos outros e procurando apenas, dentro de uma sobriedade individualista, o que lhe agrada e lhe apraz'*". Afirma ainda Frederico Reis: "*É enquanto os bárbaros (os cristãos) dominam que a atitude dos pagãos deve ser esta'*".

Esse isolamento, condenado moralmente por Mora, é, no entanto, o "leit-motif", a razão básica das odes de Ricardo Reis. Nele um certo senso de superioridade ao século que começava a apontar suas trágicas tensões seria apenas (?) a máscara estetizada. Não tanto da crença e da esperança salvadora do paganismo, mas de um misto de estoicismo e ceticismo que resultaria numa quase anulação da "realidade": "*Da verdade não quero/Mais que a vida; que os deuses /Dão vida e não verdade, nem talvez/ Saibam qual a verdade."* (Obra Poética, pág.296).

No entanto entre o provisório e o definitivo, no desvão da pró-

pria diversidade objetiva do mundo uma terceira resposta viria contradizer a impulsão pessoal para o paganismo. Num importantíssimo texto de 1917. ("A Heresia da Gnose", (Obras em Prosa, pág.192) o poeta alerta para a sobrevivência da Gnose (na sua interpretação, fusão da cabala judaica com o neoplatonismo), cuja relação com os sistemas ocultistas do período seria matricial. Nesse sentido a persistência da Gnose se daria por uma libertação do sentimento do sobrenatural (dentro do Cristianismo) salvaguardando no entanto o sentido cristista no seu intuito fraternitário. No entanto, a Gnose no desenvolvimento novecentista seria uma pura revivência da noção do sobrenatural, embora rendendo a reverência a um certo cristismo. Essa mística resultava da separação das duas naturezas em que só se adorava a divina, acessível pelo poder das atividades iniciáticas. Até que ponto tem-se aí uma retomada da essência do paganismo? A resposta demandaria um esforço de compreensão racional dos princípios dessa atitude assumida por Pessoa no seu testamento biográfico, onde afirma:

"Posição religiosa: cristão gnóstico, e portanto inteiramente oposta a todas as igrejas organizadas, sobretudo à igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à tradição secreta do cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição secreta em Israel (a Santa Cabala) e com a essência oculta da Maçonaria".

Essa terceira resposta respaldaria um outra Pessoa, aquele que além da humanidade dos deuses da Hélade, aspirou à densidade da mística. É o Pessoa de **Mensagem** e sobretudo dos "Passos da Cruz".²

É estranho que se chame místico a esse Pessoa e não, por exemplo, a Caeiro. É que é este Pessoa quem corporifica em sua forma mais cabal aquilo que é essencial no misticismo: a aderência inquestionável à experiência do sagrado. A soltura do espírito em relação às contingências é apenas uma consequência daquela experiência. Nos "Passos da Cruz" em que, à imitação de um Cristo iniciático, o poeta refaz as quatorze estações da Via Sacra, Pessoa se afirma num caminho de aperfeiçoamento paulatino em que se enuncia ao mesmo tempo como um **proscrito** (venho de longe e trago no perfil,/ Em forma nevoenta e afastada,/ O perfil de outro ser que desagrada/ Ao meu atual recorte humano e vil", **O. Poética**, pág.125), como um **predestinado** ("Há um poeta em mim que Deus me disse", Idem, pág.124 ou "Emissário de um rei desconhecido,/Eu cumprio informes instruções de além", (Idem, pág.128) ou ainda como aquele que, predestinado, tem de romper a barreira de uma contingência dolorosa mas necessária ("Esqueço-me das horas transviadas.../O Outono chora mágoas

nos outeiros/ E põe um roxo vago nos ribeiros.../ Hóstia de assombro a alma, e toda estradas...”, Idem, pág.123).

Essa assimilação individual da via ascensional em que o sofrimento é a contrapartida da glória tem em **Mensagem** sua versão coletiva e histórica. Portugal, nação eleita como o é o própria, poeta, tem seu destino assinalado também pela eleição e pela maldição (“Foi com desgraça e com vileza/ Que Deus ao Christo definiu:/Assim o oppoz à Natureza/ E Filho o ungiu.”, **O. Poética** pág.71). E da mesma forma com que o caminho do Calvário é o espaço do aperfeiçoamento iniciático individual será o Mar Português o espaço mítico e coletivo em que se dará a Iniciação da Nação e sua passagem para um plano que extrapola a história.

Assim pensada a Gnose distancia-se até certo ponto do paganismo formulado por Caeiro ou Reis. Mais do que um conhecimento que emana da respiração das coisas e dos seres, é ele a Revelação só desvendável por uma depuração dos sentidos e das circunstâncias. Desnudamento que só a dor pode consagrar. Menos democrática do que o paganismo, a Gnose exige acima de tudo um senso de predestinação, a intuição nem sempre concedida do Além.

NOTAS

1. V. Etienne Gilson, **Introduction à la Philosophie Chretienne**.
2. Embora lugar comum na literatura pessoana, ressaltem-se aqui duas obras das mais lúcidas sobre o Gnosticismo em Pessoa: **O Esoterismo de Fernando Pessoa** de Dalila Pereira da Costa, e o livro organizado e comentado por Pedro Teixeira da Mota intitulado - **Fernando Pessoa, Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação**.